

Fatores associados ao não uso de preservativo por adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática

Factors associated with the non-use of condoms by brazilian adolescents: a systematic review

Factores asociados al no uso de preservativos por adolescentes brasileños: una revisión sistemática

Recebido: 24/03/2022 | Revisado: 02/04/2022 | Aceito: 10/04/2022 | Publicado: 15/04/2022

Anderson da Silva Moreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1961-6262>
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Brasil
E-mail: moreiraanderson3214@outlook.com

Jean Scheivany da Silva Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3693-3676>
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: jean.alves@ufpe.br

Géssyca Cavalcante de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6774-857X>
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Brasil
E-mail: gessyca.melo@uncisal.edu.br

Julya Thereza dos Santos Paixão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7562-7017>
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Brasil
E-mail: julyathereza25@gmail.com

Maria Clarisse Soares Carnaúba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8234-9825>
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Brasil
E-mail: clarissesoarescarnauba@gmail.com

Resumo

Objetivo: analisar os fatores associados ao não uso da camisinha por adolescentes brasileiros. Metodologia: Trata-se de uma revisão sistemática. A coleta de dados se deu nas bases PubMed, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), através dos Descritores em Ciências da Saúde: “adolescentes”, “preservativos”, “doenças sexualmente transmissíveis”, “vírus da imunodeficiência humana”, “HIV”, “Brasil”, “adolescent”, “condoms”, “Sexually Transmitted Diseases”, “Brazil” e termos de inscrição. A partir destes, foram encontrados 728 artigos, sendo selecionados, após análise criteriosa, 27 estudos. Resultados: o intervalo de idade adotado pelos estudos estava entre 10 e 19 anos, com amostra variando entre o máximo de 100.962 e mínimo de 50 participantes. Com relação aos principais achados relacionados ao não uso do preservativo, destacam-se os seguintes aspectos: desconhecimento do uso correto, falta de orientação, iniciação sexual precoce, interferência no prazer, possuir parceiro fixo, ter dois ou mais parceiros sexuais, ter menor idade, baixa escolaridade materna e dos adolescentes, menor nível socioeconômico, ter confiança no parceiro(a), usar álcool, usar drogas lícitas ou ilícitas e ser do sexo feminino. Conclusão: a identificação dos aspectos associados à elegibilidade do uso de preservativo possibilita a abertura para uma visão mais ampla da realidade, o que pode evidenciar possíveis pontos de fragilidade das políticas de saúde já existentes e direcionar ações com foco na mudança de comportamento sexual mais seguro e, conseqüente, promoção e redução de riscos à saúde.

Palavras-chave: Saúde do adolescente; Saúde sexual e reprodutiva; Preservativos; Prevenção de doenças; Comportamento de risco à saúde; Doenças sexualmente transmissíveis.

Abstract

Objective: to analyze the factors associated with the non-use of condoms by Brazilian adolescents. Methodology: This is a systematic review. Data collection took place in PubMed, Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), through the Health Sciences Descriptors: “adolescents”, “condoms”, “sexually transmitted diseases”, “human immunodeficiency virus”, “HIV”, “Brazil”, “adolescent”, “condoms”, “Sexually Transmitted Diseases”, “Brazil” and registration terms. From these, 728 articles were found, being selected, after careful analysis, 27 studies. Results: the age range adopted was between 10 and 19 years old, with a sample ranging from a maximum of 100,962 to a minimum of 50 participants. With the main findings related to non-use of condoms, the following stand out: knowledge of correct use, lack of guidance, early sexual initiation, interference in pleasure, steady partner, having two or more sexual partners, being younger, low

maternal and adolescent, lower socioeconomic level, having confidence in the partner, using alcohol, using licit or illicit drugs and being female. Conclusion: an identification of aspects of possibility of preservation for a broader view of reality and points of view of existing health policies and drivers associated with the vision of changing safer sexual behavior in changing sexual behavior and, consequently, promoting and reduction of health risks.

Keywords: Adolescent health; Sexual and reproductive; Condoms; Health disease prevention; Health risk behaviors; Sexually transmitted diseases.

Resumen

Objetivo: analizar los factores asociados a la no utilización del preservativo por adolescentes brasileños. Metodología: Esta es una revisión sistemática. La recolección de datos se realizó en PubMed, Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud (LILACS), a través de los Descriptores de Ciencias de la Salud: “adolescentes”, “condones”, “enfermedades de transmisión sexual”, “inmunodeficiencia humana”. virus”, “VIH”, “Brasil”, “adolescente”, “preservativos”, “Enfermedades de Transmisión Sexual”, “Brasil” y términos de registro. De estos, se encontraron 728 artículos, siendo seleccionados, después de un análisis cuidadoso, 27 estudios. Resultados: el rango de edad adoptado fue entre 10 y 19 años, con una muestra que va desde un máximo de 100.962 hasta un mínimo de 50 participantes. Dentro de los principales hallazgos relacionados con el no uso del preservativo se destacan: conocimiento del uso correcto, falta de orientación, iniciación sexual temprana, interferencia en el placer, pareja estable, tener dos o más parejas sexuales, ser más joven, baja materna y adolescente, nivel socioeconómico bajo, tener confianza en la pareja, consumir alcohol, consumir drogas lícitas o ilícitas y ser mujer. Conclusión: una identificación de aspectos de posibilidad de preservación para una visión más amplia de la realidad y puntos de vista de las políticas de salud existentes y conductores asociados a la visión de cambio de comportamiento sexual más seguro en el cambio de comportamiento sexual y, en consecuencia, promoción y reducción de riesgos para la salud.

Palabras clave: Salud del adolescente; Salud sexual y reproductiva; Condones; Prevención de enfermedades; Conductas de riesgo para la salud; Enfermedades de transmisión sexual.

1. Introdução

A adolescência é caracterizada como uma fase que possui importantes modificações, sendo elas: crescimento físico, comportamental, sociocultural, espiritual, reestruturação psíquica, chegada da puberdade (sendo afirmada pelos caracteres sexuais secundários), foco em projetos de vida e diferente compreensão do mundo (SBP, 2019).

Os limites que definem a idade dos adolescentes não são consistentes. Do mesmo modo em que a Organização Mundial da Saúde define que seja dos 10 aos 19 anos (WHO, 1989), o Estatuto da Criança e do Adolescente descreve como o intervalo entre os 12 e 18 anos, e em algumas exceções, pode ser aplicado até os 21 anos (Brasil, 1990).

Pode-se afirmar que a sexualidade se torna mais evidente nesse período, podendo ser manifestada através de práticas sexuais desprotegidas, proveniente da falta de informação, da ausência de comunicação entre familiares, de mitos ou até mesmo do receio de reconhecer e declarar sua própria sexualidade. Esses e outros aspectos podem tornar os adolescentes vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (Almeida et al., 2017).

A vulnerabilidade às IST e ao HIV não é exclusiva à conduta de risco individual, mas também das condições sociais, econômicas, culturais e políticas. O termo corresponde às possibilidades de exposição das pessoas ao adoecimento, e é uma expressão que vem sendo utilizada neste contexto (Brum et al., 2019). Nesse sentido, além de fazer referência a fatores que levariam uma pessoa ou um determinado grupo a adotar comportamentos mais ou menos protegidos perante o vírus, o termo também busca analisar questões institucionais, programáticas e sociais que influenciam a prática do sexo mais ou menos seguro (Moreira et al., 2019).

No mundo, em 2015, estimou-se que 1,9 milhões de adultos (15 anos ou mais) foram infectados pelo HIV e aproximadamente 357 milhões de pessoas adquiriram clamídia, gonorreia, sífilis ou tricomoníase (UNAIDS, 2016). No Brasil, de 2007 até junho de 2020, foram notificados 342.459 casos de infecção pelo HIV, tendo a categoria de exposição sexual predominante como via de transmissão, correspondendo a 82,9% das notificações (Brasil, 2020).

Diversos fatores contribuem para a exposição às ISTs e gravidez na adolescência, sendo a falta de conhecimento e consciência acerca do uso correto de preservativo, um deles (Almeida et al., 2017). O preservativo é considerado o principal método de prevenção de ambos os casos, sendo acessível para homens e mulheres devido à disponibilidade gratuita em diversos serviços de saúde brasileiro (Brasil, 1990).

Diante do desenvolvimento de múltiplos estudos observacionais que envolvem a temática em variadas regiões brasileiras, compreender como os fatores individuais e sociais de adolescentes estão associados com o não uso do preservativo é importante para o planejamento e avaliação de políticas públicas voltadas para a educação em saúde e prevenção das ISTs nesse público. A presente revisão sistemática tem como objetivo analisar à luz da literatura os fatores associados ao não uso da camisinha por adolescentes brasileiros.

2. Metodologia

2.1 Desenho do estudo

Trata-se de uma revisão sistemática, um estudo secundário que tem como objetivo selecionar estudos semelhantes, avaliando criticamente sua metodologia (Atallah & Castro, 1998). Esse estudo seguiu as etapas preconizadas pelo método definido por Cochrane, sendo as seguintes: 1. Formulação da pergunta; 2. Localização e seleção dos estudos em bases de dados; 3. Avaliação crítica dos estudos; 4. Coleta de dados; 5. Análise e apresentação dos dados; 6. Interpretação dos dados; e, 7. Aperfeiçoamento e atualização da revisão (Higgins & Green, 2008).

2.2 Pergunta de pesquisa e critérios de elegibilidade

Para orientar o desenvolvimento desta revisão, utilizou-se a estratégia PEO (Sousa et al., 2018) para a elaboração do problema de pesquisa da seguinte maneira: População (P): adolescentes; Exposição/preditor: não uso do preservativo; *Outcome*/desfecho (O): fatores associados. Dessa maneira, a questão norteadora que possibilitou realizar o estudo foi: quais os fatores associados com o não uso do preservativo por adolescentes?

Os estudos foram considerados elegíveis se satisfizesse os seguintes critérios:

- I) Fossem estudos realizados com adolescentes brasileiros de qualquer gênero ou sexo biológico;
- II) Fornecessem dados sobre prática do uso do preservativo feminino ou masculino (sim ou não);
- III) Fossem fornecidos dados brutos suficientes para avaliar a associação entre a prática do uso do preservativo e as variáveis estudadas;
- IV) Estivessem dentro dos limites cronológicos da adolescência definidos pela OMS entre 10 e 19 anos (WHO, 1989);
- V) Fossem estudos com delineamento transversal, coorte ou caso-controle.

2.3 Estratégia de busca

Foi realizada uma busca sistemática nas bases de dados PubMed, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) para identificar estudos que avaliaram os fatores associados à prática do não uso de preservativos por adolescentes. Foi realizada uma pesquisa na literatura cinzenta a partir do Google *Scholar*. As publicações foram identificadas através dos Descritores em Ciências da Saúde, a saber: “adolescentes”, “preservativos”, “doenças sexualmente transmissíveis”, “vírus da imunodeficiência humana”, “HIV”, “Brasil” e termos relacionados. Já na PubMed utilizou-se os descritores do *Medical Subject Headings* (MeSH): “adolescent”, “condoms”,

“Sexually Transmitted Diseases”, “HIV”, “Brazil” e termos de inscrição. A estratégia de busca eletrônica completa está ilustrada no Quadro 1.

A pesquisa foi realizada em agosto de 2020 sem restrições de idioma. As listas de referência de todos os estudos e análises elegíveis foram digitalizadas manualmente para identificar estudos adicionais para inclusão.

Quadro 1. Estratégias de busca, Maceió, AL, Brasil, 2020.

Base de Dados	Estratégia de Busca	Quantidade de artigos identificados
PubMed	((Adolescent [Mesh]) OR (Adolescents) OR (Adolescence) OR (Teens) OR (Teen) OR (Teenagers) OR (Teenager) OR (Youth) OR (Youths) OR (Adolescents, Female) OR (Adolescent, Female) OR (Female Adolescent) OR (Female Adolescents) OR (Adolescents, Male) OR (Adolescent, Male) OR (Male Adolescent) OR (Male Adolescents)) AND (((Condoms [Mesh]) OR (Condom)) OR ((Condoms, Female [Mesh]) OR (Condom, Female) OR (Female Condom) OR (Female Condoms))) AND (((Sexually Transmitted Diseases [Mesh]) OR (Disease, Sexually Transmitted) OR (Diseases, Sexually Transmitted) OR (Sexually Transmitted Disease) OR (Venereal Diseases) OR (Disease, Venereal) OR (Diseases, Venereal) OR (Venereal Disease) OR (STDs) OR (Sexually Transmitted Infections) OR (Infection, Sexually Transmitted) OR (Infections, Sexually Transmitted) OR (Sexually Transmitted Infection) OR (Transmitted Infection, Sexually) OR (Transmitted Infections, Sexually) OR (STIs) OR (STI)) OR ((HIV [Mesh]) OR (Human Immunodeficiency Virus) OR (Immunodeficiency Virus, Human) OR (Immunodeficiency Viruses, Human) OR (Virus, Human Immunodeficiency) OR (Viruses, Human Immunodeficiency) OR (Human Immunodeficiency Viruses) OR (Human T Cell Lymphotropic Virus Type III) OR (Human T-Cell Lymphotropic Virus Type III) OR (Human T-Cell Leukemia Virus Type III) OR (Human T Cell Leukemia Virus Type III) OR (LAV-HTLV-III) OR (Lymphadenopathy-Associated Virus) OR (Lymphadenopathy Associated Virus) OR (Lymphadenopathy-Associated Viruses) OR (Virus, Lymphadenopathy-Associated) OR (Viruses, Lymphadenopathy-Associated) OR (Human T Lymphotropic Virus Type III) OR (Human T-Lymphotropic Virus Type III) OR (AIDS Virus) OR (AIDS Viruses) OR (Virus, AIDS) OR (Viruses, AIDS) OR (Acquired Immune Deficiency Syndrome Virus) OR (Acquired Immunodeficiency Syndrome Virus) OR (HTLV-III))) AND (Brazil))	241
Google Scholar	((Adolescente) OR (Adolescentes) OR (Adolescência) OR (Jovem) OR (Jovens) OR (Juventude)) AND ((Preservativos) OR (Camisinha) OR (Camisinhas) OR (Condom) OR (Preservativo Masculino) OR (Preservativos Femininos) OR (Preservativo Feminino)) AND (((Doenças Sexualmente Transmissíveis) OR (Infecções Sexualmente Transmissíveis) OR (IST) OR (Doenças de Transmissão Sexual)) OR ((HIV) OR (Vírus da Imunodeficiência Humana) OR (Vírus da AIDS))) AND (Brasil))	150
Lilacs	((Adolescente) OR (Adolescentes) OR (Adolescência) OR (Jovem) OR (Jovens) OR (Juventude)) AND ((Preservativos) OR (Camisinha) OR (Camisinhas) OR (Condom) OR (Preservativo Masculino) OR (Preservativos Femininos) OR (Preservativo Feminino)) AND (((Doenças Sexualmente Transmissíveis) OR (Infecções Sexualmente Transmissíveis) OR (IST) OR (Doenças de Transmissão Sexual)) OR ((HIV) OR (Vírus da Imunodeficiência Humana) OR (Vírus da AIDS))) AND (Brasil))	138
SciELO	((Adolescente) OR (Adolescentes) OR (Adolescência) OR (Jovem) OR (Jovens) OR (Juventude)) AND ((Preservativos) OR (Camisinha) OR (Camisinhas) OR (Condom) OR (Preservativo Masculino) OR (Preservativos Femininos) OR (Preservativo Feminino)) AND (((Doenças Sexualmente Transmissíveis) OR (Infecções Sexualmente Transmissíveis) OR (IST) OR (Doenças de Transmissão Sexual)) OR ((HIV) OR (Vírus da Imunodeficiência Humana) OR (Vírus da AIDS)))	199

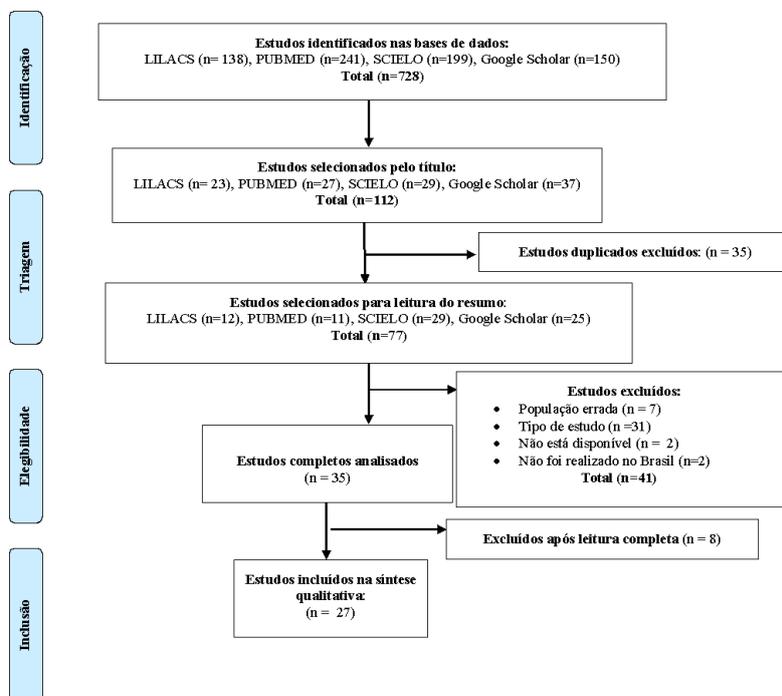
Fonte: Autores (2020).

2.4 Seleção do estudo

Dois pesquisadores de forma independente (A.S.M. e J.S.S.A.) examinaram os estudos pesquisados com base no título e no resumo de cada artigo; quando estes não deixavam claro se os estudos entrariam nos critérios de elegibilidade adotados, o artigo completo era lido. Os estudos relevantes foram lidos em texto completo e selecionados de acordo com os critérios de elegibilidade. As divergências entre os dois revisores foram resolvidas por consenso ou por um terceiro revisor (G.C.M).

Esta revisão foi sistematizada seguindo as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses – PRISMA* (Moher et al., 2009). O processo completo pode ser visualizado no fluxograma da Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma PRISMA de seleção da amostra dos artigos, Maceió, AL, Brasil, 2020.



Fonte: Autores (2020).

2.5 Extração de dados

Três investigadores independentes (A.S.M., G.C.M. e J.S.S.A.) extraíram dados dos artigos publicados utilizando um protocolo predefinido. Para a extração dos dados qualitativos foram checadas informações sobre o autor, revista, ano de publicação, desenho do estudo, população elegível, faixa etária, critérios de inclusão e exclusão, prática do não uso de preservativo, tipo de instrumento de coleta de dados, variáveis estudadas e principais desfechos.

2.6 Análise e apresentação de dados

Os estudos foram analisados qualitativamente, agrupados em planilha no Microsoft Excel[®]. Analisou-se a autoria, ano de publicação, local de estudo, intervalo de idade, amostra do estudo, adolescentes que iniciaram relação sexual, fatores estudados, objetivos, nível da evidência e principais resultados.

Para análise do nível de evidência utilizou-se a seguinte classificação: 1) Revisões sistemáticas ou metanálises; 2) Ensaio clínico randomizado controlado, bem delimitado; 3) Ensaio clínico controlado sem randomização; 4) Estudo de coorte ou caso-controle; 5) Revisão sistemática de estudos qualitativos ou descritivos; 6) Estudos qualitativos ou descritivos; 7) Opinião de autoridades ou comitê de especialistas (Silva et al., 2020). Os resultados foram organizados e apresentados através de quadros, e seu conteúdo foi discutido à luz da literatura científica sobre a temática.

3. Resultados

Dos 27 estudos analisados nesta revisão, 09 foram desenvolvidos na região sudeste do país, 07 na região nordeste, 02 na região norte, 03 na região sul, 01 na região centro-oeste e 05 incluíram todas as regiões. Em relação ao intervalo de idade, todos os artigos estão dentro dos limites cronológicos da adolescência definidos pela OMS (WHO, 1989), ou seja, entre 10 e 19 anos. Ademais, o tamanho da amostra dos estudos variou. Dessa forma, 11 estudos possuíram uma amostra acima de 1000 participantes, com um máximo de 100.962; 16 pesquisas apresentaram uma amostra inferior a 1000, com o mínimo de 50 participantes. Todos os estudos incluídos são de delineamento transversal.

Alguns dos vários fatores estudados foram: conhecimento sobre ISTs e HIV, características sociodemográficas, comportamentos sexuais, uso de bebidas alcoólicas, início da atividade sexual, aspectos relacionados à primeira e última relação sexual, fontes de informações relacionadas à saúde, número de parcerias sexuais, escolaridade dos pais, renda familiar, tipo de escola (pública ou privada), tipos de relacionamentos sexuais, religião, métodos contraceptivos e motivos para o não uso de preservativos.

No que se refere aos principais resultados relacionados ao não uso do preservativo, destacam-se os seguintes aspectos: desconhecimento do uso correto, não receber orientações de como conseguir o preservativo gratuitamente, não ter acesso aos serviços de saúde, receio de ser inconveniente e incomodar, iniciação sexual precoce, não dispor do insumo no momento do ato sexual, não ter tido tempo para o uso devido ao tesão momentâneo, interferência no prazer, ter parceiro fixo, ter dois ou mais parceiros sexuais, ser menor idade, baixa escolaridade materna, menor escolaridade dos adolescentes, menor nível socioeconômico, não aceitação do(a) companheiro(a), pensar que o(a) parceiro(a) não tinha ISTs e HIV, não gostar de usar camisinha, ter confiança no parceiro(a), usar álcool, usar drogas lícitas ou ilícitas e ser do sexo feminino.

As características dos estudos, como ano de publicação, autor, título, tipo de estudo, classificação do nível de evidência, localidade, intervalo de idade, amostra, quantidade de adolescentes que iniciaram relação sexual, objetivos e principais resultados podem ser visualizados no quadro 2.

Quadro 2 – Características dos estudos apresentados por autor, ano, tipo de estudo, localidade, intervalo de idade, amostra e fatores estudados. Maceió, AL, Brasil, 2020.

Primeiro autor / Ano	Tipo de estudo/ Nível de evidência	Localidade (Cidade e/ou estado)	Intervalo de idade	Amostra/ Adolescentes que iniciaram relação sexual (n)	Objetivo	Principais resultados
Lima MS/ 2020	Transversal/ 6	Belém, PA	14 a 17 anos ou ≥ 18 anos	859/419	Analisar a associação entre o nível de conhecimento sobre o HIV de jovens amazônidas e o perfil sociodemográfico e fatores de risco para a infecção.	A renda familiar e o nível de escolaridade dos pais e mães afetaram diretamente o conhecimento dos estudantes sobre o HIV. Em comparação com os fatores de riscos, os mais frequentes foram: desconhecimento do uso correto do preservativo masculino pelas alunas, uso infrequente do preservativo e a não realização da testagem anti-HIV. Em relação ao uso do preservativo, com os que já tiveram relação sexual, 39 alunos (9,30%) relataram sempre usar e 380 alunos (90,70%) não utilizaram sempre o preservativo. Destes, 148 apresentaram conhecimento alto e médio sobre HIV e 235 mostraram conhecimento baixo.
Sousa BC/ 2018	Transversal/ 6	Bahia	10 a 19 anos	390/103	Descrever o comportamento sexual e identificar fatores associados em adolescentes de comunidades rurais da Bahia.	Dos 390 adolescentes entrevistados, 103 (26,41%) relataram ocorrência de relação sexual (28,1% quilombolas e 25,1% não quilombolas), com mediana de idade da primeira relação aos 15 anos, na qual 77 (74,8%) tiveram relação sexual nos últimos 12 meses. Destes, 77,7% mencionaram o uso de preservativo na última relação e mais da metade receberam orientações sobre gravidez, AIDS ou outras ISTs, porém não receberam orientações sobre como conseguir preservativo gratuito.
Neves RG/ 2017	Transversal/ 6	26 capitais dos estados brasileiros e o Distrito Federal	≤ 13 anos; 14; 15; 16 anos ou mais	32.835/32.835	Analisar a simultaneidade de dois grupos de comportamentos de risco para IST em adolescentes brasileiros.	Quanto aos comportamentos de risco para ISTs, entre os meninos, 19,1% não usaram camisinha na última relação sexual e 66,1% afirmaram ter tido dois ou mais parceiros sexuais na vida. Já entre as meninas, 25,8% não usaram camisinha na última relação sexual e 41,9% se relacionaram sexualmente com dois ou mais parceiros. Cerca de 12,0% dos adolescentes apresentaram simultaneidade de não uso de camisinha e dois ou mais parceiros, sendo mais frequente nos meninos mais novos, não brancos e que não

						moravam com os pais, enquanto nas meninas, esse desfecho associou-se a maior idade.
Valim EMA/ 2015	Transversal/ 6	Uberaba, MG	10 a 19 anos	1.820/1.820	Identificar conhecimentos sobre DST, atitudes autorreferidas por adolescentes relacionadas à prática sexual e verificar fatores associados a não utilização de preservativo masculino.	Dos 1820, 231 (12,69%) adolescentes, relataram não utilizar preservativo e os principais fatores relacionados ao não uso do preservativo foram ser do sexo feminino, acreditar que o preservativo não evita ISTs, ser inconveniente e ter parceiro fixo. Os adolescentes que referiram ter parceria fixa e aqueles que consideravam o preservativo inconveniente apresentaram, aproximadamente, quatro vezes a chance de não utilizar preservativo; os que acreditavam que o uso do preservativo não evitava ISTs e o sexo feminino apresentaram cerca de três vezes mais chances de não uso.
Costa ACPJ/ 2013	Transversal/ 6	Imperatriz, MA	10 a 19 anos	295/130	Investigar a vulnerabilidade de adolescentes escolares em relação às DST e ao HIV, identificando os principais comportamentos de risco e de prevenção.	Os resultados apontam que 35 (26,92%) dos 130 adolescentes que já iniciaram a vida sexual, não utilizaram preservativo na primeira relação. Apesar que a maioria, 293 (99,3%), da amostra total, sabem que a camisinha previne a gravidez indesejada, ISTs e o HIV. As formas de evitar ISTs relatadas pelos adolescentes foram, principalmente: não ter relações sexuais (18,6%), usar camisinha em todas as relações (81,0%) e usar anticoncepcional (0,4%). Em relação ao uso do preservativo na última relação sexual, 86,3% dos adolescentes habitualmente mantiveram essa prática, enquanto o oposto ocorreu naqueles que não utilizaram preservativo na última relação sexual.
Moura LR/ 2013	Transversal/ 6	Vespasiano, MG	14 a 19 anos	1.158/564	Investigar como lacunas entre o conhecimento sobre o HIV/ Aids e o comportamento sexual em adolescentes do ensino médio.	Dos adolescentes que já tiveram relações sexuais, 266 (47,16%) eram do sexo feminino e 298 (52,84%) do sexo masculino, na qual 75 (28,2%) e 98 (32,9%), respectivamente, não utilizaram preservativo na primeira relação sexual. Desses que não utilizaram preservativo, 63 (36,41%) possuíam 1 grau escolar, 60 (34,68%) 2 grau e 50 (28,90%), 3 grau. Os adolescentes na faixa etária de 16 a 17 anos foram os que menos utilizaram preservativo, correspondendo a 109 (63,0%). O uso do preservativo na primeira relação influenciou o uso nas relações dos últimos seis meses. Não houve associação estatística entre o conhecimento sobre HIV/Aids com a frequência do uso de preservativo e a multiplicidade de parceiros sexuais.
Martins LBM/ 2006	Transversal/ 6	São Paulo, SP	12 a 19 anos	1.586/428	Comparar o conhecimento sobre DST/Aids e avaliar os fatores associados ao conhecimento adequado e ao uso consistente do preservativo masculino, em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil.	O uso consistente de preservativo ocorreu em 60% nas escolas privadas e 57,1% nas públicas, e esteve associado ao sexo masculino e menor nível socioeconômico, sendo a idade média da primeira relação sexual, em ambos os tipos de escolas, 17,5 anos. O uso do preservativo na primeira relação sexual foi maior entre os adolescentes das escolas privadas (78%). Não houve diferença significativa entre os dois grupos das escolas quanto ao uso do preservativo masculino atual e na última relação sexual. O uso consistente do preservativo masculino associou-se às variáveis sexo e nível socioeconômico, sendo que ser do sexo feminino e pertencer ao nível socioeconômico alto estiveram negativamente associadas ao uso de preservativo em todas as relações sexuais.
Paiva V/ 2008	Transversal/ 6	População urbana brasileira	16 a 19 anos	670/670	Analisar a idade e o uso do preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros em dois períodos: 1998 e 2005.	O uso do preservativo na primeira relação sexual entre os jovens de 16 e 19 anos teve aumento entre 1998 e 2005 (de 47,8% para 65,6%). Ainda, ocorreu mudança entre os que tiveram a primeira experiência sexual e uso de preservativo em relacionamento estável (de 48,5% para 67,7%), como entre os que tiveram iniciação em relacionamento eventual (de 47,2% para 62,6%). Persistiram as diferenças relacionadas à iniciação sexual e ao uso de preservativos segundo gênero, cor da pele e escolaridade, tal como observado em 1998. A diminuição no uso de preservativo entre os jovens que se iniciaram sexualmente antes dos 14 anos, em todos os contextos de parceria, foi expressiva na região Sudeste e entre os mais escolarizados.
Taquette SR/ 2004	Transversal/ 6	Rio de Janeiro	12 a 19 anos	356/224	Conhecer a população adolescente atendida no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), do ponto de vista da sexualidade e descrever possíveis fatores de risco às DST.	Dos 224 adolescentes sexualmente ativos, 109 eram portadores de ISTs. Destes, 78 eram do sexo feminino. Os adolescentes do sexo masculino iniciaram a atividade sexual mais cedo e tiveram um maior número de parceiras, e em relação ao uso de preservativo, 34 (54,0%) utilizaram quase sempre ou sempre e 29 (46,0%) mencionaram nunca ou às vezes usarem. Em relação ao sexo feminino, 112 (64,5%) referiram nunca ou às vezes utilizaram o preservativo e apenas 49 (35,5%) utilizaram sempre ou quase sempre. Quanto ao tipo de parceria no 1º coito, as mulheres se relacionaram principalmente com o/a namorado/a e os homens com amigo/a.
Campos CGAP/ 2014	Transversal/ 6	Região Sul do Brasil	13 a 19 anos	100/100	Identificar os aspectos que contemplam questões relacionadas à vulnerabilidade ao HIV, devido à variação no perfil da epidemia, avaliando o risco a que determinada população está exposta, neste contexto os adolescentes, especialmente do sexo feminino.	Os homens e as mulheres relataram os seguintes motivos de não usarem preservativo com a parceria fixa na última relação: parceria sexual não aceitou (2,9%) e (9,2%), pensaram que o(a) parceiro(a) não tinha HIV (8,6%) e (1,5%), não gostavam (5,7%) e (12,3%), confiavam no parceiro (11,4%) e (16,9%), outros motivos (17,1%) e (6,2%), respectivamente. O perfil de vulnerabilidade evidenciado foi feminização, associação de baixa escolaridade com “motivo de não usar preservativo com parceiro fixo”, “uso de drogas no último ano”, “ISTs no último ano” e relação sexual como “tipo de exposição”.

Sanchez ZM/ 2013	Transversal/6	27 capitais brasileiras	13 a 18 anos	17.371/16.998	Testar a hipótese de que comportamentos sexuais de risco entre adolescentes estão associados ao uso legal e ilegal de drogas.	Entre os adolescentes que fizeram sexo nos últimos 30 dias, 43% não usaram preservativo. Esse comportamento inseguro foi mais prevalente entre as meninas (60,2%), com os participantes de 16 a 18 anos (81,7%) e os estudantes que estudam em escolas públicas (83,1%). A compulsão recente por álcool, tabaco e uso ilegal de drogas foi mais prevalente entre os participantes que tiveram relações sexuais recentes sem preservativo em comparação com aqueles que usaram preservativo. A consumo de álcool foi relatada por 40,9% do grupo que fez sexo inseguro e por 34,6% do grupo que usou preservativo. A relação sexual foi mais prevalente entre os meninos, mas a relação sexual insegura (não uso preservativo) foi mais prevalente entre as meninas. A idade mais avançada e o menor nível socioeconômico estiveram diretamente associados ao não uso de preservativo. Adolescentes que fizeram sexo sem preservativo tiveram 32% e 43% mais chances de se envolverem em bebedeira e uso ilegal de drogas, respectivamente, no mesmo período (últimos 30 dias).
Moura ERF / 2009	Transversal/ 6	Fortaleza, CE	16 a 19 anos	556/261	Identificar o perfil socioeconômico e gineco-obstétrico de adolescentes; detectar uso do condom e motivos de uso e não uso; averiguar a importância da prevenção da gravidez precoce; e verificar conhecimento sobre DST/HIV.	Quanto ao uso do preservativo masculino na primeira relação sexual, os adolescentes de escola privada superaram os de escola pública em 6,8%. O percentual de adolescentes de escola privada que declararam usar o preservativo foi maior que o da escola pública em 4%. Já com relação ao hábito de usar o preservativo, "sempre" foi maior entre os adolescentes de escola pública em torno de 5%. Os motivos apontados pelos adolescentes para usar e não usar o preservativo masculino foi similar em ambas escolas. Como motivo para usar, destacou-se a dupla proteção; como motivo para o não uso, preponderou o fato de interferir no prazer. Entre os adolescentes que não usavam o preservativo, interferir no prazer, incomodar e sentir ardor ou calor foram os principais motivos apresentados pelos grupos de escolas pública e privada.
Griep RH/ 2005	Transversal/ 6	Rio de Janeiro, RJ	13 a 19 anos	820/820	Investigar comportamentos relacionados ao HIV entre 820 adolescentes, idade entre 13 e 19 anos, que realizaram sorologia para o HIV em um Centro de Testagem e Aconselhamento da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil.	Em relação ao uso do preservativo entre os que referiram relacionamento fixo, observou-se que 21,2% afirmaram usá-lo sempre, ao longo do último relacionamento, e 16,8% afirmaram usá-lo na última relação sexual. Quando se trata de relacionamentos sexuais com parceiro não fixo, as proporções foram de 43% em todas as relações; e de 41% na última relação sexual. Em relação aos motivos de não utilizar o preservativo em parceiros fixos, 48,1% não usaram por confiar no parceiro, 11,8% não gostam, 7,4% não tinham consciência, 11,1% parceiro não aceita, 21,5% possuíam outros motivos. Já em relação aos motivos de não uso com parceiro eventual, 13,9% relataram confiar no parceiro, 10,9% não gostam, 25,5% não dispunham no momento, 11,7% não deu tempo/tesão e 38% tinham outros motivos.
Noll M/ 2020	Transversal/ 6	Brasil	13 a 18 anos	100.962/28.157	Avaliar as diferenças sexuais e os fatores associados ao não uso de preservativos com base na Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, representativa nacionalmente.	As variáveis associadas ao não uso do preservativo para ambos os sexos foram não ter acessado o serviço de saúde ou não ter procurado profissional de saúde para atendimento relacionado à saúde; não ter recebido aconselhamento ou orientação sobre prevenção de Aids, ou ISTs na escola; iniciação sexual precoce; nenhum método contraceptivo adicional; uso de substâncias; sentindo-se sozinho; não estar satisfeito com o próprio corpo; sentir-se gordo ou magro; e saúde autorreferida precária. O número de parceiros sexuais também foi associado ao não uso de preservativo em que um maior número de parceiros indicou menor uso de preservativos entre as meninas, enquanto para meninos, mais parceiros sexuais indicou maior uso de preservativo.
Marinho TMS/ 2011	Transversal/ 6	Recife, Pe	10 a 19 anos	410/85	Avaliar o conhecimento sobre a prevenção do HIV/Aids e identificar os fatores associados ao uso do preservativo entre adolescentes.	A relação sexual sem preservativo como forma de transmissão do HIV foi referida por 100% das meninas entre 15 e 19 anos. Os mesmos resultados foram observados para os meninos, independentemente da idade. A relação sexual sem preservativo transmissor do HIV foi relatada por 100% dos meninos. Dos 410 adolescentes, 85 tiveram experiência sexual e 57 usaram preservativo na última relação sexual. Iniciação sexual até 1 ano, diferença de idade entre os parceiros e tipo de relação sexual foram os principais fatores associados ao uso de preservativo. Após regressão logística múltipla, os seguintes fatores permaneceram associados ao uso do preservativo: sexo masculino, mesma idade entre os parceiros e iniciação sexual até 1 ano.
Viana FJM/ 2007	Transversal/ 6	Minas Gerais, Brasil	10 a 19 anos	5.446/1.935	Avaliar os fatores associados ao sexo seguro entre estudantes sexualmente ativos de escolas públicas de Minas Gerais, Brasil.	De 57 a 61,4% dos alunos relataram usar sempre preservativo com parceiros ocasionais e 51 a 54% com parceiros estáveis. Cerca de 70% dos estudantes relataram o uso de métodos anticoncepcionais modernos durante a última relação sexual. Praticamente não houve diferença no uso de preservativo com parceiros casuais ou estáveis, ou uso de anticoncepcional moderno na última relação sexual, com base no estudo em ambiente escolar que incentivava o protagonismo juvenil. A porcentagem de alunos que relataram práticas sexuais seguras foi maior entre aquelas escolas que contavam com participação de profissionais de saúde. Alunos do ensino médio (em comparação com o fundamental) e alunos mais velhos foram inversamente associados ao uso consistente de preservativo com parceiros casuais e estáveis, respectivamente.

Bertoni N/ 2009	Transversal/ 6	12 cidades do estado Minas Gerais	10 a 19 anos	5.968/2.112	Analisar os comportamentos dos jovens matriculados em escolas públicas de 12 municípios de Minas Gerais, Brasil, com relação ao uso de drogas, na sua inter-relação com o uso de preservativos nas suas práticas sexuais.	Dos 1.037 adolescentes que disseram ter tido relações sexuais com parceiro casual, o uso consistente de preservativo foi relatado por 575 (63,7%) dos homens e por 201 (49,8%) das mulheres. Em se tratando de parceria fixa, 60,4% dos adolescentes do sexo masculino e 42,7% do sexo feminino relataram fazer uso consistente do preservativo. Ao analisar o uso consistente entre aqueles que já haviam tido relações sexuais tanto com parceiro fixo, quanto com parceiro casual, as proporções observadas foram de 58,4% entre os meninos e de 43,5% entre as meninas. Em relação aos motivos do não uso, 24,5% disseram não ter usado preservativo na última relação sexual por confiarem no parceiro; 20,6%, por falta de informação e/ou acesso; 16,7% relataram não gostar de usar o preservativo e 4,3% disseram que não o utilizaram porque seus amigos também não o utilizavam e/ou devido a outros motivos que não especificaram. Ainda, o uso do preservativo foi menos frequente pelos adolescentes que utilizaram cigarro e/ou álcool do que entre os que não referiram este uso (60,7% vs. 71,1%).
Cruzeiro ANS/ 2010	Transversal/ 6	Pelotas, RS	15 a 18 anos	1.039/555	Avaliar o comportamento sexual de risco entre jovens de quinze a dezoito anos da cidade de Pelotas (RS) no ano de 2002.	56,3% relataram uso de preservativo nas últimas três relações e com relação à frequência de uso, as variáveis sexo, classe social, escolaridade do adolescente, escolaridade materna, morar com a mãe e o número de parceiros no último ano apresentaram associação significativa em uma primeira análise bivariada. O uso ocasional de preservativo associou-se ao sexo feminino e à baixa escolaridade materna. O risco de os adolescentes utilizarem preservativo ocasionalmente nas últimas três relações sexuais se mostrou tanto maior quanto menor os anos de estudo da mãe do entrevistado.
Gerhardt CR/ 2008	Transversal/ 6	Canoas, RS	12 a 19 anos	221/66	Investigar conhecimento, atitudes, comportamento, transmissão em relação às IST numa população de adolescentes, comparando as diferenças/semelhanças entre os gêneros.	O local mais frequente onde os adolescentes obtêm preservativos masculinos são as farmácias, com 58,3%, seguido com 57,6% pela unidade básica de saúde. Pode-se evidenciar por meio deste estudo que 90,9% da amostra faz uso do preservativo masculino e 4,5% não usa, 1,5% nunca usou e 3% não responderam. De um modo em geral, a quase totalidade (99,5%) dos alunos referiu saber para que serve a camisinha. Quando os adolescentes foram interrogados sobre a importância do uso da camisinha, revelou-se uma maior preocupação por parte das meninas em relação à prevenção da gravidez. Com respeito à interferência da camisinha masculina no prazer, observou-se que 33,5% responderam que diminui e 60,6% revelaram que não. Quando questionados a respeito do não uso da camisinha pelo parceiro, 19,3% dos meninos transariam mesmo assim e, as meninas, apenas 0,9%.
Façanha MC/ 2004	Transversal/ 6	Fortaleza, CE	13 a 19 anos	118/42	Avaliar o grau de conhecimento de adolescentes de uma escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza, residentes em comunidades de baixa renda, a respeito: da fisiologia do aparelho reprodutor; identificar fatores de risco para a infecção por DST/HIV, como a conduta sexual e a conduta quanto aos cuidados de saúde, e avaliar a frequência do uso rotineiro de preservativo.	Apenas 17 responderam que sempre portavam preservativos com eles e destes 7 (41,2%) ainda não haviam tido a primeira relação sexual, o que significa que 30 (75%) dos sexualmente ativos não portam consigo o preservativo. Três alunos já haviam tido DST, 30 alunos disseram que a “camisinha” evitava gravidez e 6 que a bebida os estimula sexualmente. Dos que já haviam tido relações sexuais, 33 (91,7%) disseram ter usado preservativo na última relação sexual, enquanto 21 (58%) disseram que haviam usado em todas as relações sexuais nos últimos seis meses. Trinta (80%) responderam que haviam usado preservativo na primeira relação. Dos 40 adolescentes que disseram já ter tido a primeira relação sexual, 27 informaram o valor da renda familiar e se havia usado (ou não) preservativo em todas as relações sexuais dos últimos seis meses, observou-se que 12 dos 23 (52,0%) que ganhavam até três salários mínimos usaram preservativo em todas as relações sexuais, enquanto todos os quatro (100,0%) que ganhavam mais de quatro salários mínimos disseram ter usado preservativo em todas as relações sexuais dos últimos seis meses.
Carleto AP/ 2010	Transversal/ 6	Cuiabá, MT	10 - 19 anos	499/291	Analisar o conhecimento, a percepção e a ocorrência quanto às DST/aids entre adolescentes.	Grande parte dos meninos (60,0%) referiu usar preservativo em todas as relações sexuais, em decorrência da preocupação com a Aids. Entre as meninas, 57,6% afirmaram ainda não ter vida sexual ativa e 29,5% afirmaram usar preservativo sempre. Embora com baixa frequência, a presença de adolescentes que não se preocupam com a transmissão do HIV por só terem relações sexuais com pessoas conhecidas e, ainda, os que não se preocupam porque acham que nunca vão contrair o vírus. Entre os métodos para prevenir ISTs/aids, a grande maioria dos adolescentes respondeu ser o preservativo.
Coutinho MPL/ 2006	Transversal/ 6	João Pessoa, PB	12 a 19 anos	395/165	Conhecer o perfil do início das práticas sexuais dos adolescentes de João Pessoa – PB, considerando a prevenção de DST, ou seja, o uso ou não do preservativo nesta primeira experiência, dando ênfase ao grau de relacionamento afetivo mantido com o(a) primeiro(a)	Em relação ao uso do preservativo no ato da primeira relação sexual e o grau de relacionamento com o seu/sua primeiro(a) parceiro(a), verificou-se que 58,1% dos adolescentes do gênero masculino e 60,5% do gênero feminino declararam utilizar preservativo independentemente do grau de relacionamento socioafetivo com seu parceiro. Em contrapartida, dos 41,7% dos adolescentes do gênero masculino que disseram não utilizar preservativo na primeira relação sexual, 19,6% declararam ter sido com uma amiga, 4,1% com uma “ficante”; 4,9% com a namorada; 4,9% com uma pessoa que conheceu no mesmo dia e 8,2% declararam ter acontecido com pessoas que têm outro tipo de relacionamento, por eles não especificado. Considerando o sexo feminino, 39,5% das meninas declararam não ter utilizado preservativo na sua primeira relação sexual; 4,6% declararam ter

					parceiro(a).	tido sua primeira experiência com um amigo; 4,6% com um “ficante” e 30,3% declararam ter tido esta experiência com o seu namorado.
Silva ASN/ 2015	Transversal/ 6	Abaetetuba, PA	14 a 19 anos	603/297	Investigar o comportamento sexual referente ao início da vida sexual de adolescentes escolares, matriculados no ensino médio da rede pública estadual no Município de Abaetetuba.	O uso do preservativo na primeira relação sexual esteve associado ao sexo feminino. As mulheres tiveram duas vezes mais chance de usar preservativo na ocasião da primeira relação que os indivíduos do sexo masculino. Dentre os adolescentes que possuíam renda familiar de até dois salários mínimos, 67,07% não usaram o preservativo na primeira relação e 61,08% fizeram uso do mesmo.
Oliveira-Campos M/ 2013	Transversal/ 6	Brasil	13 a 16 anos	60.973/17.003	Investigar se fatores do contexto familiar e escolar estão associados ao comportamento sexual de adolescentes brasileiros.	Quase 21% não usaram proteção na última vez que fizeram sexo e as meninas apresentaram menores chances de fazer sexo seguro. A chance de ter relação sexual com ou sem proteção aumentaram com a idade e é menor entre os alunos brancos ou descendentes de asiáticos. A frequência de relações sexuais anteriores (com e sem proteção) cresceram de acordo com o número de fatores de risco comportamentais; quanto maior o número de comportamentos de risco, maior a chance de ter feito sexo. Morar apenas com o pai esteve associado ao sexo seguro; nunca comer refeições com os pais esteve associado a sexo desprotegido. O sexo desprotegido é menos frequente entre o grupo de alunos que se declaram brancos (4,9%) e mais frequente no grupo que apresenta indicador de baixo patrimônio doméstico. No contexto escolar, os alunos de escolas privadas apresentaram menor probabilidade de ter relações sexuais protegidas e desprotegidas (OR, 0,58 e 0,68). Não receber instruções na escola sobre prevenção de gravidez aumentou a frequência de sexo protegido e desprotegido (OR, 1,33 e 1,74, respectivamente).
Hartmann JM/ 2013	Transversal/ 6	Município de Caracol e Anísio de Abreu, PI	13 a 19 anos	2.241/554	Medir a prevalência e identificar fatores associados ao não conhecimento de preservativo masculino entre adolescentes residentes em dois municípios localizados no sul do estado do Piauí.	Entre os 2.241 adolescentes, 18,8% disseram não saber sobre o preservativo. A prevalência de não conhecimento variou de 4% para aqueles com ≥ 9 anos ou mais de escolaridade a 74% entre os que não conheciam nenhuma IST. Na análise ajustada, ser do sexo feminino, ter pouca idade, baixa escolaridade, não ter namorada, desconhecer contracepção oral e IST aumentava a probabilidade de não conhecer preservativo em relação às demais categorias.
Trajman A/ 2003	Transversal/ 6	Rio de Janeiro, RJ	15 a 19 anos	945/557	Compreender o comportamento sexual de alto risco entre estudantes.	Entre 303 meninos iniciados sexualmente, 176 (58%) declararam ter tido relação sexual pelo menos uma vez com uma profissional do sexo, 19% dos quais sem uso de preservativo, contrastando com 4 de 254 de meninas iniciadas sexualmente. 34% relatam sempre usar preservativo, 22% apenas no início de um relacionamento, 28% às vezes, 9% só quando não conheço bem o meu parceiro, 7% nunca, 14% depois de iniciar as preliminares, teria relações sexuais mesmo se o preservativo não estivesse disponível. A televisão foi a fonte de informação mais frequente (97%) sobre IST/Aids. 30% relataram não ter nenhum diálogo sobre sexo ou Aids com seus pais; 90% consideram seu nível de conhecimento insuficiente e 78% preferiram mais informações através de conferências/aulas na escola.
Alves AS/ 2008	Transversal/ 6	Campinas, SP	Idade menor ou igual a 19 anos	295/144	Descrever o conhecimento, atitude e prática em relação à pílula e ao preservativo e comparar o conhecimento com a prática de uso desses métodos anticoncepcionais.	48,8% já haviam iniciado atividade sexual, destes 40,3% as relações sexuais não eram planejadas, 50,7% consideram que o melhor método para um relacionamento estável é a combinação da pílula com o preservativo e 36,1% a pílula. Em relacionamentos instáveis 52,8% preferem utilizar os dois métodos juntos e 41,6% o preservativo. Já em relação as atitudes de todos os adolescentes entrevistados, 92,6% afirmaram que os adolescentes deviam utilizá-lo em todas as relações sexuais. Para 46,1% o preservativo não interferia na relação sexual e 23,1% consideraram que usar o preservativo diminui o prazer. Além disso, 65,1% não concordariam em ter relações se o(a) parceiro(a) não quisesse utilizar preservativo, mas 17,6% concordariam se conhecessem bem o(a) parceiro(a). Apenas 30,2% levavam preservativo em seus encontros, 42% levavam às vezes ou não levavam.

Fonte: Autores (2020).

4. Discussão

A partir da exposição dos principais achados, considera-se que o estudo atendeu aos objetivos propostos, com resultados importantes sobre os fatores que podem influenciar o não uso de preservativo por adolescentes brasileiros.

Entre os fatores que justificam a não adesão ao preservativo relatadas pelos adolescentes, pode-se destacar as seguintes: não portabilidade do preservativo no momento do ato sexual, diminuição do prazer, não utilização por confiar no

parceiro (Santos et al., 2017). Já em uma revisão integrativa que analisou 37 estudos, constatou que o avançar da idade e a pertencer a classes econômicas mais baixas também estão relacionados com o sexo desprotegido (Moura et al., 2018).

As razões para o uso inconsistente do preservativo são muitas, porém um estudo realizado em uma cidade de Bostswana, trouxe os seguintes motivos para o não uso de proteção: desejo de ter um filho, falta implícita de confiança ou fidelidade, relacionamentos de longo prazo, necessidade de agradar ao parceiro e diminuição do prazer. Outros fatores que contribuíram foram: falta de conhecimento dos benefícios, menos medo de contrair o HIV e Aids, pois agora pode ser controlado com medicamentos, influência da tradição, abuso de álcool e drogas, pressão dos pares, questões de poder e gênero e a recusa do parceiro (Kanda & Mash, 2018).

No que se refere à diminuição do prazer, é notório a existência de uma crença que o preservativo determina uma redução do prazer sexual, provoca uma interrupção na interação para ser colocado e muitas vezes está associado a uma performance ruim, de provocar incômodo e o prejuízo por ele ter trazido à ereção (Madureira & Trentini, 2008).

Nesse sentido, um estudo realizado no Brasil com 821 jovens sexualmente ativos detectou os fatores associados ao uso de preservativo na última relação sexual, a saber: nunca ter sido casado, ter usado preservativo na primeira relação sexual; e receber preservativos gratuitos. Nos homens, parceiro casual no último ano e parceiro do mesmo sexo estiveram associados ao uso de preservativos; entre as mulheres, início sexual após os 15 anos de idade esteve associado a prática segura. Ter feito o teste de HIV mostrou associação negativa entre as mulheres (Gutierrez et al., 2019).

Tomando por base esse contexto, um estudo realizado com 137 adolescentes de três escolas estaduais de um município brasileiro, observou que os principais motivos de não uso do preservativo pelos garotos que já tiveram relação sexual foram: não ter o preservativo no momento do sexo, diminuição das sensações e do clima provocado pela colocação da camisinha. Entre as garotas que já tiveram relação sexual, foi adicionado a esses motivos, a confiança plena no parceiro. Os motivos menos citados foram: porque ela (ou eu) faz o uso do anticoncepcional, a camisinha provoca desconforto ou dor, gravidez e IST só acontece com os outros, na hora não se pensa nessas coisas, vergonha para pedir no posto de saúde ou comprar, questões religiosas e falta de informações (Oliveira et al., 2015).

Em uma investigação realizada com 1120 adolescentes afro-americanos, foi evidenciado que os adolescentes de minorias sexuais eram mais propensos a se envolver em comportamentos sexuais de maior risco quando comparados aos heterossexuais, com mulheres relatando mais parceiros sexuais e uso de drogas antes do sexo, e homens relatando uso inconsistente de preservativo e taxas mais altas de HIV (Norris et al., 2018).

Ser do sexo feminino esteve associado à intenção de utilizar o preservativo em uma pesquisa com adolescentes na Tanzânia rural e, ainda, o uso do preservativo esteve associado a coesão social que pode ser definida de diferentes maneiras e uma de suas definições é: a capacidade das sociedades, não apenas grupos ou redes, de gerenciar a ação coletiva e resolver problemas (Kalolo et al., 2019).

Já um estudo realizado com adolescentes indígenas e do norte do Canadá, notou que o uso de álcool e drogas por meninas foi associado a uma menor probabilidade de uso consistente de preservativo. Ainda, a identidade LGBTQ+ por meninas foi associada à probabilidade reduzida de uso de preservativo. Entre os meninos, a identidade LGBTQ+ foi associada ao aumento da probabilidade de uso de preservativo (Logie et al., 2018). Em um estudo realizado com escolares das cidades de Porto Alegre e São Leopoldo, reconheceu que o uso inconsistente de preservativo estava relacionado ao uso de tabaco e outras drogas, indicando a ocorrência de comportamentos de risco, como riscos sexuais e abuso de substâncias (Furlaneto et al., 2019).

Enfatizando esses aspectos, um estudo realizado com adolescentes na Tanzânia, evidenciou que o sexo depois do consumo de álcool dificulta a capacidade da utilização de preservativo, dependendo do contexto de onde acontece, tanto

porque o sexo não foi planejado como também não havia hora de procurar preservativos devido a necessidade de “correr para terminar”. Outro fato relatado, é que dependendo do horário do dia em que os jovens estariam consumindo álcool e sexo subsequente, as lojas que vendem preservativos não estariam abertas e/ou eram longes (Sommer et al., 2019).

No Brasil, a Lei nº 6.483, publicada pelo Diário Oficial do Distrito Federal em janeiro de 2020, desobriga os estabelecimentos comerciais como bares, restaurantes e casas de show a comercializar preservativos. A obrigatoriedade estava prevista na Lei nº 6.148, de 25 de junho de 2018, agora revogada (Brasil, 2018). Diante disso, fica evidente que o acesso aos preservativos ficará restrito, o que devido a fatores como sexo não planejado associado ao consumo ou não de álcool, não ter preservativo consigo e as lojas que vendem serem longes e/ou não estarem em horário de expediente; favorecerá a sua não utilização, assim, tornado as pessoas mais vulneráveis às ISTs e a uma gravidez não planejada.

Em um estudo realizado com homens jovens, no leste da República Democrática do Congo, constatou-se que a maioria dos alunos identificaram os preservativos como inseguros e não confiáveis devido à crença de que não oferecem proteção suficiente contra as ISTs, HIV e gravidez. Ainda, mencionaram que o preservativo incentiva a atividade sexual inadequada e preferem sexo “carne com carne” em vez de sexo protegido e apenas alguns participantes reconheceram a importância do uso de preservativo (Mulumeoderhwa, 2018).

Tomando por base esse contexto, é importante frisar que uma investigação realizada com jovens vietnamitas, evidenciou que as participantes em áreas urbanas eram mais propensas a não querer usar o preservativo e ter gravidez indesejada, do que em áreas rurais. A idade avançada foi associada com não querer usar preservativo. Ainda, as pessoas que usam substâncias, como *shisha* e heroína, demonstraram ser mais propensas a relatar o não uso de proteção. O uso de álcool e outros estimulantes antes das relações sexuais tiveram maior probabilidade de gravidez indesejada (Do et al., 2020).

Nessa linha de raciocínio, um estudo investigou o conhecimento dos adolescentes em relação às ISTs, a mais conhecida foi o HIV seguida da candidíase, o condiloma acuminado, a tricomoníase, a gonorreia e a vaginose bacteriana; sendo que a candidíase e a vaginose bacteriana não são ISTs. Sobre os possíveis meios para prevenção, a opção mais citada foi o uso de preservativo. Entre as fontes que os adolescentes do estudo relataram utilizar para obter informações sobre sexualidade e IST estão: televisão, escola, jornais e conversas familiares, publicações médicas, palestras, amigos e colegas, rádio, revistas eróticas (Souza et al., 2018).

Em uma investigação realizada com adolescentes colombianos, a população estudada demonstrou ter um nível de conhecimento de médio a baixo sobre HIV e outras ISTs. As meninas tinham mais conhecimentos que os meninos e apresentaram atitudes mais favoráveis em relação aos aspectos do HIV/Aids, uso do preservativo, teste de HIV e pessoas vivendo com HIV (Morales et al., 2018). Já em estudo realizado com adolescentes brasileiros, constatou que os meninos sabiam mais sobre ISTs do que as meninas, porém as meninas falavam mais sobre sexualidade com as mães. Como fontes de informação, neste estudo, evidenciou que pais e escola se destacam quando os adolescentes procuram aprender sobre IST (Genz et al., 2017).

Diante disso, fica evidente que a comunicação pai-filho sobre uso de preservativo é viável e aceitável, segundo um estudo realizado com adolescentes afro-americanos e latinos do sexo masculinos e seus pais. Porém, a investigação trouxe que os pais tendiam a transmitir mensagens vagas de como se proteger, existindo, ainda, barreiras que dificultam as conversas. Entretanto, a frequência e o estilo de diálogo podem ajudar a superar as barreiras existentes, como falar em ambientes individuais e utilizar estratégias que visem reduzir o desconforto (Ramos et al., 2019).

Nesse sentido, uma revisão integrativa que teve como objetivo avaliar na literatura científica os impactos das ações educativas sobre prevenção de HIV/Aids entre adolescentes nas escolas, notou que as instituições de ensino constituem um espaço apropriado para o desenvolvimento de ações e utilização de metodologias ativas, principalmente a educação por pares,

leva a resultados positivos na diminuição de comportamentos de risco, quebra de tabus e preconceitos, aumento das habilidades de saúde reprodutiva e na adesão ao uso de preservativos. As ações educativas são a melhor forma de disseminar conhecimentos, informações, desmistificar o HIV/Aids e reduzir seu impacto negativo (Monteiro et al., 2019).

Contrapondo os aspectos supracitados, um estudo realizado em Ruanda aborda os aspectos em torno do debate sobre o fornecimento de preservativos entre alunos do ensino médio. As normas culturais e sociais presentes nesse país consideram as práticas sexuais dos adolescentes como imorais e, portanto, rejeitam a ideia de fornecer preservativos nas escolas secundárias. Tais aspectos ainda são barreiras para o progresso de programas que contribuem para a redução de novas infecções por HIV/Aids e gravidez indesejada entre adolescentes do ensino médio (Tuyisenge et al., 2018).

No Brasil, distribuir preservativos masculinos nas escolas faz parte da política pública de prevenção das IST/Aids e da gravidez adolescente, intitulado "Saúde e Prevenção nas Escolas" (SPE). A proposta do projeto é realizar ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, articulando os setores de saúde e de educação (SPE, 2020). A estratégia de distribuição do preservativo na escola além de favorecer o "sexo seguro" entre os jovens, devido ao acesso facilitado, também parece ser bastante positiva como ação complementar ao trabalho de orientação sexual, pois favorece o debate envolvendo toda a comunidade escolar (Russo, Arreguy, 2015). Porém, tal iniciativa foi mais efetiva há treze anos; hoje, pouco se discute sobre sexualidade nas escolas.

É importante ressaltar que esse estudo apresenta como limitação a utilização de apenas dados secundários e ausência de análises quantitativas com o conjunto de dados coletados. Entretanto, a análise qualitativa permitiu um aprofundamento acerca do tema, com subsídios para gestores e profissionais da saúde e da educação que trabalham com educação sexual e prevenção.

5. Conclusão

A partir do presente estudo, foi possível perceber a variedade e complexidade de fatores que estão associados ao não uso de preservativo pelos adolescentes, os quais fazem parte: a falta de conhecimento sobre IST/Aids e preservativos, quanto ao seu objetivo e confiabilidade, sendo mais relatados a diminuição do prazer e o sexo praticado após o uso de drogas. Também foi observado que tais condições são multáveis e tornam-se mais ou menos relevantes de acordo com a cultura, classe socioeconômica ocupada pelo indivíduo, escolaridade, sexo biológico, entre outros.

Desta forma, a identificação destes fatores, associados à elegibilidade do uso de preservativo, possibilita a abertura para uma visão mais ampla da realidade, evidenciando, por meio dos resultados alcançados, os possíveis pontos de fragilidade das políticas já existentes e permitindo, a partir de então, a correção e fortalecimento das mesmas, bem como, a elaboração de estratégias e novas políticas públicas efetivas e específicas para os adolescentes, principalmente, a nível escolar, uma vez que se almeja alcançar uma mudança de comportamento sexual, e consequente promoção e redução de riscos à saúde.

Sugere-se que as próximas investigações contemplem um maior número de bases de dados e busquem contribuir com análises quantitativas sobre a temática, fomentando assim, discussões ainda mais ampliadas e que direcionem estratégias de prevenção e promoção à saúde do adolescente.

Referências

- Abtibol, C. S., Rocha, F. C. G., Silva, M. G. P., Silva, V. A., Oliveira, F. D. S. & Carvalho, M. L. (2015). Conhecimento de adolescentes de uma escola pública sobre os métodos contraceptivos. *Revista Interdisciplinar*, 8(2), 94-100.
- Almeida, R. A. A. S., Corrêa, R. G. C. F., Rolim, I. L. T. P., Hora, J. M., Linard, A. G., Coutinho, N. P. S & Oliveira, P. S. (2017). Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(5), 1033-1039. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>.

- Alves, A. S. & Lopes, M. H. B. M. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários (2008). *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(1), 11-17. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000100002>.
- Atallah N. A. & Castro, A. A. (1998). Revisão Sistemática da Literatura e Metanálise: a melhor forma de evidência para tomada de decisão em saúde e a maneira mais rápida de atualização terapêutica. *Avafacet*, 20-28. http://www.centrocohranedobrasil.com.br/cms/apl/artigos/artigo_530.pdf.
- Bertoni, N., Bastos, F. I., Mello MB, Makuch, M. Y., Sousa, M. H., Osis, M. J. & Faúndes, A. (2009). Uso de álcool e drogas e sua influência sobre as práticas sexuais de adolescentes de Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(6), 1350-1360. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000600017>.
- Brasil (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.
- Brasil (2020). Lei nº 6.483, de janeiro de 2020. Revoga a Lei nº 6.148, de 25 de junho de 2018. Diário Oficial do Distrito Federal. Brasília, DF. http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2020/01_Janeiro/DODF%20011%2016-01-2020/DODF%20011%2016-01-2020%20INTEGRA.pdf. Acesso em: 09 nov. 2020.
- Brasil (2020). Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids. Brasília, DF. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020>.
- Brum, M. L. B., Motta, M. G. C. & Zanatta, E. A. (2019). Bioecological systems and elements that make adolescents vulnerable to sexually transmissible infections. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 28, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2017-0492>.
- Campos, C. G. A. P., Estima, S. L., Santos, V. S. & Lazzarotto, A. R. A vulnerabilidade ao HIV em adolescentes: estudo retrospectivo em um centro de testagem e aconselhamento (2014). *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(2), 310-314. <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140024>.
- Carleto, A. P., Faria, C. S., Martins, C. B. G., Souza, S. P. S. & Mato, K. F. (2010). Conhecimentos e práticas dos adolescentes da capital de Mato Grosso quanto às DST/Aids. *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 22(4), 206-211. <http://10.5533/2177-8264-201022406>.
- Costa, A. C. P. J., Lins, A. G., Araújo, M. F. M., Araújo, T. M., Gubert, F. A. & Vieira, N. F. C. (2013). Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz - Maranhão. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(3), 179-186. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472013000300023>.
- Coutinho, M. P. L., Saldanha, A. A. W. & Azevedo & R. L. W. (2006). Uso do preservativo na primeira relação sexual: mito ou realidade? *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis* 18(2), 124-129.
- Cruzeiro, A. L. S., Souza, L. D. M., Silva, R. A., Pinheiro, R. T., Rocha, C. L. A. & Horta B. L. (2010). Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciências & Saúde Coletiva*, 15(1), 1149-1157. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700023>.
- Do, H. N., Nguyen, D. N., Nguyen, H. Q. T., Nguyen, A. T., Nguyen, HD., Bui, T. P., Vu, T. B. T., Le, K. T., Nguyen, D. T., Nguyen, C. T., Vu, L. G., Vu, G. T., Tran, B. X., Latkin, C. A., Ho, R. C. M. & Ho, C. S. H. (2020). Patterns of Risky Sexual Behaviors and Associated Factors among Youths and Adolescents in Vietnam. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(6), 1-14. <https://10.3390/ijerph17061903>.
- Façanha, M. C., Menezes, B. L. F., Fontenele, A. D. B., Melo, M. A., Pinheiro, A. S., Carvalho, C. S., Porto, I. A. & Pereira, L. O. C (2004). Conhecimento sobre reprodução e sexo seguro de adolescentes de uma escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza – Ceará. *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis* 16(2), 5-9.
- Furlanetto, M. F., Ghedin, D. M., Gonçalves, T. R. & Marin, A. H. (2019). Individual and contextual factors associated with sexual initiation among adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 32, 1-8. <https://10.1186/s41155-019-0138-z>.
- Geisiane, C., Schuelter-Trevisol, F., Trevisol, D.J. & Zapellini, C. E. M. (2009). Comportamento sexual e fatores de risco para a ocorrência de gravidez, DST e HIV em estudantes do município de Acurra (SC). *Arquivos Catarinenses de Medicina*, 38(1), 56-61.
- Genz, N., Meincke, S. M. K., Carret, M. L. V., Corrêa, A. C. L. & Alves, C. N. (2017). Sexually transmitted diseases: knowledge and sexual behavior of adolescents. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(2), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>.
- Gerhardt, C. R., Nader, S. S. & Pereira, D. N. (2008). Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 3(12), 257-270. [https://doi.org/10.5712/rbmf3\(12\)362](https://doi.org/10.5712/rbmf3(12)362).
- Griep, R. H., Araújo, C. L. F. & Batista, S. M. (2005). Comportamento de risco para infecção pelo HIV entre adolescentes atendidos em um centro de testagem e aconselhamento em DST/Aids no município do Rio de Janeiro. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 14(2), 119-126.
- Gutierrez, E. B., Pinto, V. M., Bassol, C. R., Spiassil, A. L., Lopes, M. E. B. R & Barros, C. R. S. B. (2019). Factors associated with condom use in young people-A population-based survey. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 22, 1-14. <https://10.1590/1980-549720190034>.
- Hartmann, J. M. & Cesar, J. A. (2013). Conhecimento de preservativo masculino entre adolescentes: estudo de base populacional no semiárido nordestino, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(11), 2297-2306. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00183212>.
- Higgins, J. P. T. & Green, S. (2008). Cochrane handbook for systematic reviews of interventions: cochrane book series. The Cochrane Collaboration, 659p. <https://doi.org/101002/9780470712184>.
- Kalolo, A., Mazalale, J., Krumeich, A. & Chenault, M. (2019). Social cohesion, social trust, social participation and sexual behaviors of adolescents in rural Tanzania. *BMC Public Health*, 19, 1-9. <https://10.1186/s12889-019-6428-7>.
- Kanda, L. & Mash, R. (2018). Reasons for inconsistent condom use by young adults in Mahalapye, Botswana. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*, 10(1), 1-7. <https://doi.org/10.4102/phcfm.v10i1.1492>

- Lima, M. S., Raniere, J. C., Paes, C. J. O., Gonçalves, L. H. T., Cunha, C. L. F., Ferreira, G. R. O. N. & Botelho, E. P. (2020). Associação entre conhecimento sobre HIV e fatores de risco em jovens amazônidas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(5), 1-9. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0453>.
- Logie, C. H., Lys, C. L., Fujioka, C., MacNeill, N., Mackay, K. & Yasseen, AS. (2018). Sexual practices and condom use among a sample of Northern and Indigenous adolescents in Northern Canada: cross-sectional survey results. *BMJ Sexual & Reproductive Health*, 45(2), 147–154. <https://10.1136/bmjshr-2018-200174>.
- Madureira, V. S. F. & Trentini, M. (2008). Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/Aids. *Ciência e Saúde Coletiva*, 13(6), 1807-1816. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000600015>.
- Marinho, T. M. S., Souza, A. I., Ferreira, A. L. C. G., Fernandes, E. C. & Cabral-Filho, J. E. Conhecimento sobre prevenção do HIV/AIDS e fatores associados ao uso de preservativo entre adolescentes no Nordeste do Brasil (2011). *Journal of Tropical Pediatrics*, 58(3), 220–225. <https://doi.org/10.1093/tropej/fmr074>.
- Martins, L. B. M., Costa-Paiva, L. H. S., Osis, M. J. D., Sousa, M. H., Pinto-Neto, A. M. & Tadini, V. (2006). Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(2), 315-323. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000200009>.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J. & Altman, D. G. (2009) The PRISMA group. preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the prisma statement. *PLoS Med*, 6(7), 1-6. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.
- Monteiro, R. S. M., Feijão, A. R., Barreto, V. P., Silva, B. C. O., Neco, K. K. S & Aquino, A. R. G. (2019). Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas. *Enfermería Actual de Costa Rica*, 37, 206-222. <http://dx.doi.org/10.15517/revenf.v0i0n.37.36749>.
- Morales, A., Vallejo-Medina, P., Abello-Luque, D., Saavedra-Roa, A., García-Roncillo, P., Gomez-Lugo, M., García-Montaña, E., Marchal-Bertrand, L., Nieves-Charris, J., Pérez-Pedraza, D. & Espada, J.P. (2018). Sexual risk among Colombian adolescents: knowledge, attitudes, normative beliefs, perceived control, intention, and sexual behavior. *BMC Public Health*, 2018, 18(1), 1-13. <https://10.1186/s12889-018-6311-y>.
- Moreira, P. A., Tahoane, S., Mendes, R. B. & Menezes, A. F. (2019). Vulnerabilidade ao HIV/AIDS em adolescentes de uma escola pública no interior de Sergipe. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 11(4), 1-5. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i4.868-872>.
- Moura, E. R. F., Souza, C. B. J. & Evangelista, D. R. (2009). Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes de escolas públicas e privadas de Fortaleza-CE, Brasil. *Revista Mineira de Enfermagem*, 13(2), 1-8.
- Moura, L. R., Lamounier, J. R., Guimarães, P. R., Duarte, J. M., Beling, M. T. C, Pinto, J. A, Goulart, E. M. A & Grillo, C. F. C. (2013). A lacuna entre o conhecimento sobre HIV/AIDS e o comportamento sexual: uma investigação com adolescentes de Vespasiano, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(5), 1008-1018. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000500018>.
- Moura, L. R., Torres, L. M., Cadete, M. M. M. & Cunha, C. F. (2018). Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52, 1-11. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017020403304>.
- Mulumeoderhwa, M. (2018). ‘It’s not good to eat a candy in a wrapper: male students’ perspectives on condom use and concurrent sexual partnerships in the eastern Democratic Republic of Congo. *Multicenter Study*, 15(1), 89-102. <https://10.1080/17290376.2018.1516160>.
- Neves, R. G., Wendt, A., Flores, T. R., Costa, C. S., Costa, F. S., Tovo-Rodrigues, L. & Nunes, B. P. (2017). Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 443-454. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000300003>.
- Noll, M., Noll, P. R. E., Gomes, J. M., Júnior, J. M. S., Silveira, E. A. & Sorpreso, I. C. E. (2020). Fatores associados e diferenças de sexo no não uso de preservativo entre adolescentes: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Saúde Sexual e Reprodutiva*, 17(139). <https://doi.org/10.1186/s12978-020-00987-8>.
- Norris, A. L., Brown, L. K., DiClemente, R. J., Valois, R. F., Romer, D., Venable, P. A. & Carey, M. P. (2018). African-American sexual minority adolescents and sexual health disparities: an exploratory cross-sectional study. *Journal of the National Medical Association*, 111(3), 302–309. <https://10.1016/j.jnma.2018.11.001>.
- Oliveira, S. A., Moura, C. B., Calgaro, M. & Torres, S. L. (2015). Motivos do não uso do preservativo entre adolescentes de um município da tríplice fronteira. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 5(1), 98-107.
- Oliveira-Campos, M., Giatti, L., Malta, D. C & Barreto, S. M (2013). Fatores contextuais associados ao comportamento sexual entre adolescentes brasileiros. *Annals of Epidemiology*, 23, 629-635. <https://doi.org/10.1016/j.annepidem.2013.03.009>.
- Paiva, V., Calazans, G., Venturi, G. & Dias, R. (2008). Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Revista de Saúde Pública*, 24(1), 45-53. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008000800007>.
- Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS) (2016). Entenda a importância dos preservativos na resposta ao HIV. <https://unaids.org.br/2016/12/entenda-importancia-dos-preservativos-na-resposta-ao-hiv/>.
- Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) (2020). Ministério da Educação. <http://portal.mec.gov.br/projeto-saude-e-prevencao-nas-escolas-spe>.
- Ramos V. G., Thimm-Kaiser, M., Benzekri, A., Rodriguez, Christopher., Fuller, T. R., Warner, L. & Koumans, E. H. A. (2019). Father-Son communication about consistent and correct condom use. *Pediatrics*, 113(1), 1-11. <https://doi.org/10.1542/peds.2018-1609>.

- Russo, K. & Arreguy, M. E. (2015). Projeto "Saúde e Prevenção nas Escolas": percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. *Physis*, 25(2), 501-523. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000200010>.
- Sanchez, Z. M., Nappo, S. A., Cruz, J. I., Carlini, E. A., Carlini, C. M. & Martins, S. S. (2013). Comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Brasil: consumo de álcool e uso de drogas lícitas e ilegais associado ao sexo desprotegido. *Clinics*, 68(4), 489-494. [https://doi.org/10.6061/clinics/2013\(04\)09](https://doi.org/10.6061/clinics/2013(04)09).
- Santos, C. P., Barboza, E. C. S., Freitas, N. O., Almeida, J. C., Dias, A. C., & Araújo, E. C. (2017). Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes escolares. *Brazilian Journal of Health Research*, 18(2), 60–70.
- Silva, A. S. N., Silva, B. L. C. N., Júnior, A. F. S., Silva, M. C. F., Guerreiro, J. F. & Sousa, A. C. S. A. (2015). Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 6(3), 27-34. <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232015000300004>.
- Silva, A. V. C., Saraiva, E. L & Balestra, N. (2021). Qualidade de vida em pacientes com dispositivos de assistência ventricular de longa permanência. *Research, Society and Development*, 10(17), 1-9. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i17.24466>.
- Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). (2019). Consulta do adolescente: abordagem clínica, orientações éticas e legais como instrumentos ao pediatra. https://nutritotal.com.br/pro/wpcontent/uploads/sites/3/2019/05/Atendimento_Adolescente.pdf.
- Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). (2020). prevenção da gravidez na adolescência. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Adolescencia_-_21621c-GPA_-_Prevencao_Gravidez_Adolescencia.pdf.
- Sommer, M., Parker, R., Msacky, G., Kajula, L. & Kaaya, S. (2019). How alcohol, space, and time influence young people's sexual encounters in Tanzania: a qualitative analysis. *Archives of Sexual Behavior*, 48(6), 1847–1857. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1311-7>.
- Sousa, B. C., Santos, R. S., Santana, K. C., Souza, R., Leite, A. J. M. & Medeiros, D. S (2018). Comportamento sexual e fatores associados em adolescentes da zona rural. *Revista de Saúde Pública*, 52(39), 1-11. <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052006988>.
- Sousa, L. M. M., Marques, J. M., Firmino, C. F., Frade, F., Valentim, O. S. & Antunes, A. V. (2018). Modelos de formulação da questão de investigação na Prática Baseada na Evidência. *Revista Investigação Enfermagem*, S2(23), 31-39. <http://hdl.handle.net/20.500.12253/1287>.
- Souza, I. R. F., Cabral, G. G., Silva, L. M., Costa, B. A., Pinto, I. C. T. & Silveira, F. J. F. (2018). Conhecimentos de adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, 8(2), 1-8.
- Taquette, S. R., Vilhena, M. M. & Paula, M. C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 37(3), 210-214. <https://doi.org/10.1590/S0037-86822004000300003>.
- Trajman, A., Belo, M. T., Teixeira, E. G., Dantas, V. C. S., Salomão, F. M. & Cunha, A. J. L (2003). Conhecimento sobre DST/AIDS e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 127-133. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000100014>.
- Tuyisenge, G., Hategeka, C. & Aguilera, R. A. Should condoms be available in secondary schools? Discourse and policy dilemma for safeguarding adolescent reproductive and sexual health in Rwanda. (2018). *The Pan African Medical Journal*, 31, 1-8. <https://doi.org/10.11604/pamj.2018.31.173.16549>.
- Valim, E. M. A., Dias, F. A., Simon, C. P., Almeida, D. V. & Rodrigues, M. L. P. (2015). Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 23(1), 44-49. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201500010008>.
- Viana, F. J. M., Faúndes, A., Mello, M. B. & Sousa, M. H. (2007). Fatores associados ao sexo seguro entre alunos de escolas públicas de Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(1), 43-51. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000100006>.
- World Health Organization (WHO). (1989). Young people's health-a challenge for society: report of a WHO study group on young people and health for all by the year 2000 [meeting held in Geneva from 4 to 8 June 1989]. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>.